

Lenta, silenciosa, desconhecendo

Slow, silent, unknowing

José Viale Moutinho
Escritor

Para a Mónica Baldaque.
Nariz do Mundo, 2022

O seu silêncio passou a dominar os nossos murmúrios, ausentou-se por essa altura o génio do Gólgota, afastando-nos, e o fim da História chegaria docemente. E ela dizia: «O que resta é sempre o princípio feliz de alguma coisa.» Ele olhava em volta e observava uma cidade em que viver - e agora desconhecia, repetindo para si as perguntas para as quais nem sempre tivera respostas. E ela dizia: «A linguagem é o recipiente do pensamento.» Acrescentava, fixando o olhar nos dramas daquele céu que ia escurecendo: «Ela é como que a vestimenta das ideias que, expostas na sua nudez, pode escandalizar ou alterar a face duma sociedade dita estável e movida em acordo com as suas instituições.»

Ali havia vozes, vozes de deusas navegadoras no rio que dividia ao meio a cidade de sempre. O rio, é desse rio que falo, o que fende a cidade dos dois nomes, ao fundo da encosta do Gólgota.

Quanto aos barcos, eles adquiriam uma espécie de alegria com as suas luzes e passageiros encantados. Escutavam-se melhor os motores ocultos no desenho dos rabelos. Aquela alegria, todos o sabiam, era a tanto por cabeça.

E no caramanchão ela mandara plantar as oliveiras sem o método mais provável, de modo que aqueles retorcidos ramos capassem as palavras, as vozes, os papeis de identidade.

Mas quando ela saiu ficámos herdeiros de um deserto que já não nos pertence. Afinal nossa é a prateleira dos seus livros.